

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – PRADA, Cynthia Granja; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj. Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica: funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. Psicologia: Teoria e Prática, 9, pp. 14-25, 2007.

2) Resumo e Palavras-Chave - Os abrigos para crianças vítimas de violência doméstica foram alvos de vários estudos no Brasil, em razão da falta de qualidade no atendimento às crianças. Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os abrigos foram gradualmente reformulados e os estudos passaram a avaliar a qualidade dessas instituições. Este estudo teve por finalidade analisar a rotina de funcionamento de abrigos das cidades de Curitiba e Santos. Em Curitiba participaram 30 crianças abrigadas em um abrigo tradicional e um do tipo casa lar, e os responsáveis por essas instituições; em Santos participaram dirigentes de cinco instituições de abrigo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com os dirigentes e com as crianças. Constatou-se que indicadores como número reduzido de crianças por cuidador eram respeitados na maioria deles. Contudo, quesitos como o respeito à individualidade e inserção na comunidade ainda não foram concretizados por todas as instituições. E por fim constatou-se presença de punição em um dos abrigos analisados.

Palavras-chave: abrigos; comunidade; crianças vítimas de violência doméstica; cuidador; indicadores de qualidade de abrigos.

3) Objetivo do estudo – Este estudo teve por finalidade analisar a rotina de funcionamento de abrigos das cidades de Curitiba e Santos.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Os dados foram coletados em 2002 e posteriormente complementados em 2004.

6) Forma de coleta de dados – A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com os dirigentes e com as crianças. Em Curitiba participaram 30 crianças abrigadas em um abrigo tradicional e um do tipo casa lar, e os responsáveis por essas instituições; em Santos, apenas os dirigentes participaram, e foram entrevistados cinco dirigentes de abrigo nessa cidade.

7) Forma de análise dos dados produzidos/referencial teórico – A análise foi dividida em subtemas: Práticas disciplinares nos abrigos; Individualidade; Atividades fora da instituição; Visitas e vínculo familiar.

Os principais autores utilizados foram: TRINDADE, 1984; RIZZINI, 1985; ALTOÉ, 1990; GOFFMAN; ALTOÉ 1992; RIZZINI, 1985; WEBER; GAGNO, 1995; WEBER, 2000; MELLO; SILVA, 2004; FEIN; MALUCCIO, 1992; TAUSSIG; CULHANE, 2005.

8) Resultados/dados produzidos – Os resultados dessa pesquisa mostraram que existem diferenças importantes entre os dois sistemas estudados – casa lar e o abrigo, quanto ao modo de funcionamento. De outra forma, pôde-se notar que existem características em ambos que nos remetem às antigas instituições anteriores ao ECA (BRASIL, 2006). As diferenças entre a casa lar e o abrigo foram evidentes quanto à disciplina, à atividade fora da instituição e à individualidade da criança. As práticas disciplinares destacadas pelas crianças de ambas as instituições são exercidas pelo controle coercitivo, como castigos e retiradas de atividades prazerosas. Entretanto, a diferença entre os dois abrigos está na prática constante da punição física verificada no abrigo, com destaque às outras práticas disciplinares, o que não foi relatado pelas crianças da casa lar. Outra diferença significativa entre a casa lar e o abrigo é a preservação da individualidade da criança. No abrigo, a maioria das crianças que trouxe algum objeto de sua casa não o tinha mais junto de si, ou porque alguma criança pegou, ou porque foi confiscado por algum adulto da instituição. Outro dado importante a ser observado é o fato de nenhuma criança do abrigo ter armário ou roupas individuais, pois existe uma rouparia na instituição na qual ficavam todas as roupas utilizadas pelas crianças. Já na casa lar, todas as crianças tinham espaços individuais em armários em seus dormitórios, bem como roupas e brinquedos próprios. Constatou-se também que indicadores como número reduzido de crianças por cuidador eram respeitados na maioria deles. Contudo, quesitos como o respeito à individualidade e inserção na comunidade ainda não foram concretizados por todas as instituições.

9) Recomendações – O abrigo deve ter predominantemente fatores de proteção não somente em suas características físicas, mas também nas características humanas.

10) Observações e destaques – Os dados apresentados fazem parte de um projeto mais amplo que incluiu a pesquisa de mestrado de Prada (2002) que analisou toda a situação de abrigamento: a história familiar infantil, os motivos para o abrigamento, a história de abrigamento, a vinculação afetiva da criança com a família e com os cuidadores do abrigo e a expectativa de futuro destas. E ainda parte dos dados de uma pesquisa de doutorado realizada com os dirigentes de abrigo em 2004 (PRADA; WILLIAMS, 2004).

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.